

# Reverendo as Prioridades para a Força Futura do Exército

Este artigo é baseado em um estudo dirigido pelo general Peter W. Chiarelli sobre o projeto da Força futura. Os membros do Grupo de Pesquisa de West Point que conduziram o estudo e escreveram este artigo incluem o coronel Jeffrey D. Peterson, tenente-coronel Robert Kewley, tenente-coronel James Merlo, major Buzz Phillips, major Ed Werkheiser, major Jeremy Gwinn e major Ryan Wylie

*As opiniões expressas neste artigo são as dos autores e não representam a Academia Militar de West Point, o Exército dos EUA ou o Departamento de Defesa dos EUA.*

## Introdução pelo General Peter W. Chiarelli

Nós, como líderes, devemos contribuir para o desenvolvimento e o crescimento de nossa profissão e de nosso Exército ao encorajar e cultivar o processo de aprendizagem. Devemos estar dispostos a desafiar o status quo e promover discussões honestas e profissionais, e até debates, sobre assuntos importantes. Este estudo é resultado de minha solicitação de uma reflexiva obra que incentivasse discussões sobre o tema da capacidade de desdobramento rápido versus a capacidade de sobrevivência, à luz de nossas experiências ao longo dos últimos oito anos. Os pensamentos expressos são exclusivamente aqueles dos autores, mas fornecem um bom ponto inicial para a discussão. Nosso Exército de hoje é composto de líderes inteligentes, agressivos, inovadores e flexíveis em todos os escalões, que possuem uma riqueza de experiências depois de oito anos de engajamento persistente. À medida em que o Exército desenvolve um equipamento e o distribui em campanha, os soldados descobrem constantemente maneiras novas e criativas de adaptar e empregar a tecnologia que lhes proporcionamos. Foi dessa forma por toda a nossa história. Seja dirigindo o carro de combate M4 na



AP Foto, Tia Owens

*Uma viatura Stryker equipada para lançar morteiros é desembarcada de um C-130 durante um exercício em 18 de maio de 2003, no campo de aviação Esler, Pineville, na Louisiana.*

II Guerra Mundial ou o M1A2 Abrams de hoje, seja pilotando o Huey no Vietnã ou o Blackhawk de hoje, sempre foram, e continuam a ser, nossas pessoas que fazem com que o equipamento funcione e que a missão seja cumprida. É a natureza adaptável e intuitiva de nossos soldados e líderes que os tornam melhores. Nunca devemos esquecer isso.

Para a nossa profissão já chegou a hora de questionar a crença existente há muito tempo no poder da tecnologia da informação de remover o nevoeiro da guerra. Grandes programas de aquisição foram iniciados e continuados com a convicção de que o Exército podia aceitar riscos na capacidade de sobrevivência para

alcançar a capacidade de desdobramento rápido. O conhecimento “perfeito” da situação, adquirido por uma rede de sensores e aparelhos de compartilhamento de informações, se tornou o substituto de uma blindagem passiva. Todavia, o campo de batalha moderno mostrou os limites da tecnologia na prevenção de ataques contra nossos soldados. A reação organizacional de comprar veículos blindados melhorados é evidência da realidade de que enfrentamos um inimigo que ainda pode disparar a primeira bala e que o movimento para estabelecer o contato com o inimigo não está extinto. Como uma profissão que presta contas ao público americano, temos a obrigação de questionar a troca entre a capacidade de sobrevivência e a capacidade de desdobramento rápido à luz da realidade do campo de batalha. Devemos isso a nossos

soldados que derramam seu sangue todos os dias no campo de batalha. Isso não é um argumento contra os melhoramentos tecnológicos, mas, em vez disso, uma reavaliação das prioridades e premissas, baseadas no que aprendemos nos conflitos de hoje.

Como líderes e profissionais, devemos debater vigorosamente este assunto porque o resultado definirá a composição de nosso Exército nas décadas vindouras. Faça parte da discussão, seja por meio de discussões pessoais, fóruns educativos, textos profissionais, ou por participações em blogs. Faça com que sua voz seja ouvida. Por meio dessas discussões ajudaremos verdadeiramente a organização a aprender e se adaptar para as necessidades futuras.

—General Peter Chiarelli, Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército

---

**A**S PRINCIPAIS EXPERIÊNCIAS que guiaram a transformação do Exército durante as últimas duas décadas foram as dificuldades em desdobrar as forças de combate do Exército e a natureza das missões durante os anos 90, que pareciam pôr em dúvida a relevância do Exército em uma era de operações de manutenção da paz e de armas de precisão. Em relação à maioria das operações militares antes de 2003, a troca de uma quantidade certa de proteção, aparentemente excessiva, para ganhar mobilidade estratégica e operacional fez um bom sentido. No entanto, a prioridade da capacidade de desdobrar rapidamente, como o fator de impulso para o projeto da Força, aumentava necessariamente o risco de sobrevivência para nossos soldados à medida que o Exército tentava reduzir o peso das viaturas de combate para proporcionar o desdobramento rápido por aeronaves C-130.

O Exército decidiu que as viaturas mais leves eram aceitáveis. As tecnologias centradas em redes, alguns pensavam, reduziria o “nevoeiro da guerra”, tornando as viaturas menos vulneráveis. Essa visão de combate retrata o campo de batalha como um sistema vinculado por redes, com um conjunto de alvos que podem ser incapacitados pela aplicação adequada de fogos de precisão. Essa visão dominou apesar das crescentes experiências operacionais nos Bálcãs,

no Curdistão e no Haiti, que demonstraram que essas capacidades à distância não eram essenciais para o êxito da missão. Embora essas operações tivessem posto em dúvida a importância do componente “em rede” do Exército transformado, elas permaneceram, em grande parte, livres do combate aproximado e, portanto, não expuseram a vulnerabilidade potencial de uma força essencialmente dependente de uma rede de sensores e fogos de longo alcance para a sua proteção. No entanto, o Exército descobriu mais tarde na Somália, no Afeganistão e no Iraque que os proponentes da guerra centrada em redes subestimaram a natureza do combate do futuro no nível de coturnos enlameados ou lagartas sujas e superestimaram a capacidade das tecnologias planejadas para identificar e suprimir o inimigo antes dele engajar as forças do Exército. O Exército descobriu que precisava engajar o inimigo (violenta ou não violentamente) a curto alcance, que as forças aliadas nem sempre tomam a decisão de onde e quando um engajamento ocorreria, e que as forças do Exército ainda requeriam a capacidade de sobreviver a contatos inesperados.

Apesar dessas experiências recentes, que fornecem plenas lições sobre a importância da capacidade de sobreviver e os limites da tecnologia, a capacidade de desdobrar sistemas de

armas continua a ter prioridade sobre a capacidade de sobrevivência dos membros das tripulações no projeto da Força futura. As lições aprendidas em operações, ao preço das vidas e membros de soldados, expuseram as vulnerabilidades da

---

**...os proponentes de guerra centrada em redes subestimaram a natureza do combate do futuro no nível de coturnos enlameados ou lagartas sujas...**

visão centrada em redes da guerra. A capacidade do inimigo de contornar a tecnologia e explorar as vulnerabilidades tecnológicas põe em dúvida a premissa fundamental da guerra centrada em redes. Embora essas tecnologias forneçam benefícios em algumas situações, o Exército está sujeito a incorrer em um risco muito grande na proteção da Força em busca de um objetivo expedicionário, enquanto espera que as tecnologias centradas em redes preencham a lacuna na proteção reduzida da blindagem passiva, que protege os soldados de uma variedade de engajamentos de fogo direto e indireto. As consequências dessa prioridade inapropriada são grandes demais para ignorar e são, infelizmente, medidas pela perda de vidas de soldados. A capacidade de sobrevivência dos soldados deve ter precedência sobre o desdobramento rápido do equipamento. Se o Exército não incorporar as lições aprendidas das experiências recentes em combate e não projetar equipamentos com medidas de proteção da Força apropriadas e eficazes, se arrisca a perder a confiança do público americano.

**O Papel do Exército em Conflitos Futuros**

Qualquer discussão a respeito das prioridades do projeto das forças futuras deve começar com o papel do Exército em conflitos futuros. Sem um entendimento do que é esperado

do Exército, o debate sobre a troca entre a capacidade de desdobramento rápido e a capacidade de sobrevivência pode levar à conclusão errada. A doutrina do Exército descreve claramente as expectativas futuras de um Exército expedicionário, qualificado em campanha, que é proficiente em todo o espectro de operações.<sup>1</sup> Em reação às tendências da guerra moderna, o Departamento de Defesa colocou recentemente a competência na guerra irregular em pé de igualdade com a proficiência na guerra convencional. Em termos simples, o Exército desempenha o papel de um “jogador de utilidade” na equipe da guerra combinada. O Exército deve ser capaz de executar guerra convencional, guerra híbrida, guerra irregular, assistência humanitária, operações de estabilidade e qualquer outra missão que os EUA lhe designam. Desempenhar esses papéis múltiplos exige uma Força versátil, flexível e ágil que pode se adaptar rapidamente ao ambiente operacional e à missão no teatro de operações. A chave para o êxito nesse ambiente é menos sobre o equipamento e mais sobre os líderes e soldados adaptando-se à situação.

A complexidade dos requerimentos de missão opõe o conceito de uma estrutura da Força de “tamanho único para todos”. Há variáveis em demasia e incertezas para se contar com um Exército homogêneo, sendo igualmente proficiente ou otimamente organizado para qualquer missão, em qualquer cenário. Algumas situações exigirão uma força pesada capaz em guerra convencional,

---

**A complexidade dos requerimentos de missão opõe o conceito de uma estrutura da Força de “tamanho único para todos”.**

e outras requererão forças leves capazes de executar a guerra irregular em terreno restrito. Essa combinação quase certamente exigirá trocas na estrutura da Força, proficiência na instrução e programas de aquisição futuros. Embora o Exército muitas vezes reconheça essas trocas, deve fazer um

melhor trabalho de defini-las e medi-las claramente para entender os riscos e os custos potenciais de implantar as prioridades do projeto.

## As Trocas

Como mencionado acima, uma das primeiras trocas é entre a capacidade de desdobramento rápido e a capacidade de sobrevivência. A busca da capacidade expedicionária compele o Exército para viaturas mais leves que podem ser desdobradas por via aérea.<sup>2</sup> Curiosamente, a doutrina do Exército reconhece que a necessidade de corresponder as forças aos requerimentos de transporte disponíveis determina essa capacidade, assim subordinando implicitamente a capacidade de sobrevivência à capacidade de desdobramento e planejando uma Força otimizada para o transporte em vez do combate.<sup>3</sup> A redução de peso vem com prejuízo da proteção dos soldados à medida que a blindagem é diminuída para reduzir o peso do veículo.

Um exemplo dessa troca é a viatura de combate Stryker. O parâmetro principal do projeto para a Stryker era a transportabilidade — a viatura tinha de ser pequena e leve o suficiente para ser transportada por um avião C-130. Cumprir esse critério de projeto exigia que a proteção de blindagem passiva fosse reduzida. A Stryker proporcionava proteção passiva contra metralhadoras de grosso calibre, mas uma vez desdobrada, as unidades de Stryker logo começaram a lutar com um inimigo armado com lança-rojões. A blindagem adicional aumentada na Stryker elevou sua capacidade de sobrevivência contra essa nova ameaça, mas a blindagem aumentada e as maiores dimensões significavam que, sem remover a blindagem suplementar, a viatura já não era transportável pelo C-130.

À medida em que o conflito iraquiano continuava, a proteção adicional foi incorporada à Stryker. As gestões dirigidas pelo Departamento do Exército incluíram melhoramentos como proteção blindada ao redor das escotilhas superiores da tripulação e do compartimento do motorista, para melhorar a proteção da blindagem passiva. De iniciativa própria, os soldados acrescentaram cobertores de Kevlar, escudos de vidro balístico, proteção contra franco-atiradores e sacos de areia e vasilhas de água de cinco galões, cheias com uma mistura de areia e óleo. Todas essas modificações eram tentativas de aumentar a proteção passiva

contra as ameaças em evolução. Com a blindagem aumentada, a Stryker agora é mais eficaz para as missões para as quais foi designada, e a confiança dos soldados na viatura está em alta.<sup>4</sup> Contudo, essa blindagem adicional também a impede de se encaixar em um C-130.<sup>5</sup>

Essa troca entre a proteção da Força e o desdobramento rápido exige que o Exército resolva um problema difícil: no ambiente operacional contemporâneo, é mais importante desdobrar uma força rapidamente ou chegar com uma força que pode sustentar um combate pesado com o inimigo? Ao julgar por seus programas de aquisição, a resposta atual do Exército é desdobrar mais rápido e aceitar o risco. No entanto, as lições aprendidas nos conflitos mais recentes, as características duradouras da guerra e o papel futuro do Exército sugerem que o Exército deve mudar suas prioridades e ter a capacidade de sobrevivência, em vez da capacidade de desdobramento, como o principal parâmetro de desempenho em qualquer sistema futuro. Isso não quer dizer que o Exército deva se mover para uma solução única de viaturas de combate de megatoneladas para alcançar a proteção perfeita dos soldados. Não obstante, ao decidir entre a capacidade de desdobramento e um leve melhoramento da capacidade de sobrevivência, o Exército deve escolher a sobrevivência.

## Que Rapidez é Suficientemente Rápida?

O Exército também deve considerar a velocidade que precisa para reagir às contingências possíveis e qual a capacidade de combate que ele requer para essas contingências. A capacidade de se desdobrar rapidamente talvez não seja a melhor medida da capacidade expedicionária do Exército. Além disso, o Exército deve claramente identificar como as outras forças singulares contribuem para a capacidade expedicionária de toda a comunidade combinada, para assegurar que ele procura uma capacidade única, além daquela que já existe.

A doutrina do Exército é ambígua sobre os requerimentos de desdobramento, usando tais frases como “desdobrar rapidamente” e “desdobrar rapidamente com pouca antecedência”. Inicialmente, o objetivo era projetar uma brigada de combate de peso médio, que poderia se desdobrar em qualquer lugar do mundo 96 horas



AP Foto, Jim MacMillan

*Soldados do Exército dos EUA, do 1º Batalhão do 24º Regimento, correm ao lado de sua viatura blindada Stryker durante uma troca de tiros com insurgentes em Mosul, no Iraque, 1º de dezembro de 2004.*

após a notificação. Em vez de ser derivado de um cenário de combate plausível, esse objetivo parece ter servido como catalisador para o projeto de uma força mais leve. Dadas as limitações do transporte aéreo estratégico, as capacidades atuais da Força combinada em reação rápida e as contingências mais prováveis, esse objetivo de 96 horas talvez não seja possível ou necessário para a Força inteira. Se o transporte aéreo estratégico não pode entregar a Força recém-projetada dentro da linha de tempo estabelecida, e se há poucos cenários que exigem a capacidade de desdobramento rápido, então é a hora de o Exército questionar o critério do projeto que o forçou a aceitar o risco na capacidade de sobrevivência.

Talvez seja suficiente para o Exército projetar uma parcela da Força para o desdobramento rápido para as contingências que exigem uma reação rápida, enquanto projeta o restante da Força para sobreviver a todo o espectro de operações. Ao relaxar da meta ambiciosa de se desdobrar em 96 horas, o Exército poderia avançar muito na solução da difícil situação da troca derivada da decisão de fazer o desdobramento rápido o catalisador do projeto.

### **Uma Análise mais Ampla da Capacidade de Sobrevivência**

No sentido mais simples, a capacidade de sobrevivência ajuda a prevenir baixas durante as operações expedicionárias em todo o espectro. Na troca entre as capacidades de desdobramento e de sobrevivência, a capacidade de sobrevivência se refere à capacidade da viatura de resistir aos impactos diretos do inimigo. É um subconjunto do maior conceito de proteção da Força, o qual inclui um conjunto inteiro de capacidades que possibilitam a sobrevivência dos soldados. Esse conjunto inclui a blindagem passiva, mas também se estende às capacidades de guerra centrada em redes, que ajudam a evitar o engajamento pelo inimigo; a doutrina atualizada, que capacita as unidades a desempenhar mais eficazmente sua missão; e o adestramento melhorado, que faz com que os líderes e soldados sejam mais competentes em operações de combate.

Idealmente, o Exército gostaria de alcançar 100% de proteção para seus soldados, mas a complexidade e a incerteza da guerra tornam isso uma meta inatingível. Embora não haja

nenhuma maneira de se proteger um soldado de todas as ameaças no campo de batalha moderno, a única forma relativamente certa de sobreviver ao primeiro contato inevitável e inesperado com o inimigo é por meio de uma proteção passiva suficiente. Não propomos um projeto da Força futura que equipe o Exército com casamatas móveis de 100 toneladas, invulneráveis às armas inimigas. Pelo menos, uma fração da Força deve reter alguma capacidade no patamar mais alto do espectro de proteção, e toda a Força (ambas as unidades de combate e de apoio) devem ter proteção passiva satisfatória contra as ameaças mais prováveis. Esse nível de proteção da Força deve ter prioridade sobre a capacidade de desdobramento rápido.

Qualquer discussão sobre a capacidade de sobrevivência e a proteção da Força deve se expandir do âmbito da capacidade de sobrevivência e considerar completamente as ramificações de se ter proteção suficiente. Por exemplo, a capacidade de sobrevivência é mais do que apenas proteger os soldados do combate individual. As considerações de proteção da Força e da capacidade de sobrevivência devem também se estender aos elementos de apoio ao combate e de apoio logístico das unidades desdobradas do Exército. No moderno campo de batalha não contíguo, todas as forças estão sujeitas a ataques de um inimigo que busca engajar as unidades de apoio logístico em locais que o Exército considerava anteriormente estarem seguros da influência inimiga. Ignorar o melhoramento da capacidade de sobrevivência dessas forças é uma negligência que o Exército não pode tolerar e um risco que ele não deve aceitar.

---

**...é a hora de o Exército questionar o critério do projeto que o forçou a aceitar o risco na capacidade de sobrevivência.**

Os fatores humanos também aumentam a importância da capacidade de sobrevivência. A proteção apropriada da Força torna os soldados mais confiantes e mais dispostos a aceitar os riscos necessários para cumprir a missão. Da perspectiva do soldado, a forma mais tangível de proteção contra



Exército dos EUA, Cabo Aubree Rundie

*Cabo Joshua Bullard e Sgt Kang Hoon Lee, mecânicos do 122º Batalhão de Apoio Aéreo da 82ª Brigada de Combate Aéreo, usam um guindaste para instalar uma porta com blindagem adicional em uma viatura leve HMMWV, 25 de maio de 2007, no campo de aviação Bagram, no Afeganistão.*

o fogo inimigo é a blindagem passiva. Não se precisa ir longe para encontrar exemplos de soldados que instalaram várias formas de blindagem improvisada em seus HMMWVs [viatura leve] e Strykers durante as operações de combate no Iraque. Os soldados se sentiam mais seguros e estavam mais confiantes e agressivos na execução de sua missão, sem se importar se a blindagem realmente tinha ajudado a proteger a viatura.

Além disso, a proteção da Força dá aos comandantes mais opções para revelar a situação quando a informação sobre o inimigo é ambígua ou indisponível. Muitos exemplos históricos da Operação *Iraqi Freedom* salientam o benefício da blindagem no desenvolvimento de uma situação incerta mediante o fogo inimigo. A blindagem passiva era um fator importante para dar aos comandantes opções táticas porque eles sabiam que suas forças podiam sobreviver em um campo de batalha com conhecimento imperfeito da situação.<sup>6</sup>

Enfim, o Exército deve proporcionar uma proteção suficiente a seus soldados para manter a confiança do público americano. O público espera que a guerra resulte no número mínimo de baixas possível — ambas civis e militares.<sup>7</sup> Os EUA, em geral, têm confiança no Exército e contam com ele para fazer todo o possível para proteger seus soldados. No entanto, uma reação adversa significativa pode ocorrer se o Exército não incorporar as lições aprendidas sobre a capacidade de sobrevivência do Iraque e do Afeganistão no projeto da Força futura. O comentário do ex-secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, sobre “ir à guerra com o Exército que você possui, não o Exército que você quer” leva à pergunta “Qual tipo de Exército querem os EUA para a guerra futura?” Embora o público americano não pense muitas vezes sobre o assunto da capacidade de sobrevivência, é uma premissa segura que ele escolheria um Exército bem protegido ao em vez de um Exército que pode se desdobrar em qualquer lugar rapidamente. O Exército se arrisca a minar a confiança do público americano se buscar as capacidades de desdobramento rápido à custa da capacidade de sobrevivência e se muitos soldados sofrerem baixas evitáveis no próximo conflito.

### **Capacidade de Sobrevivência contra Desdobramento Rápido**

O ambiente operacional não é contíguo, exigindo que as unidades de apoio sejam tão capacitadas para a sobrevivência quanto as unidades de combate; é centrado na população, requerendo que as unidades operem no meio de um inimigo que vive entre a população; e mudando rapidamente de intensidade, exigindo unidades capacitadas para a sobrevivência em todo o espectro do conflito. A proteção blindada passiva, que aumenta a capacidade de sobrevivência durante o combate aproximado, é uma necessidade. Embora a guerra tenha mudado nos últimos 20 anos, o movimento para estabelecer o contato com o inimigo no nível tático não está extinto. A característica comum da maioria dos engajamentos no ambiente de hoje é que o inimigo apenas é identificado quando ele dispara contra os elementos amigos. O domínio de informações e várias contramedidas eletrônicas e ativas ampliam a proteção da força, mas não

podem se equivaler aos principais meios para a sobrevivência — ter a proteção blindada passiva e soldados competentes.

No futuro, será exigido que os soldados usem a força de modo a que não maximizem a letalidade. Isso requererá que as forças combatentes se exponham com mais frequência sem depender do poder de fogo maciço. Um exército qualificado para a campanha deve manter uma presença

---

### ***O Exército deve proporcionar proteção suficiente a seus soldados para manter a confiança do público americano.***

sustentada em um ambiente operacional instável e dinâmico — que muitas vezes requererá um nível consistente de proteção passiva para facilitar a interação com a população. Essa missão estendida proporcionará ao inimigo tempo para descobrir e explorar as fraquezas nas tecnologias centradas em redes — aumentando a necessidade de diferentes métodos de fornecimento de proteção. Além disso, a maioria das missões não exigirá a capacidade de desdobramento rápido; o Exército terá semanas e em alguns casos meses para se desdobrar.

Enfim, o Exército deve priorizar a capacidade de sobrevivência acima de capacidade de desdobrar porque seus valores profissionais duradouros e sua relação com o público americano o exigem buscar todas as opções disponíveis para melhorar a proteção dos soldados. Essa é uma responsabilidade fundamental dos líderes do Exército para uma força de todos voluntários em uma época de conflitos persistentes.

### **Como Deve o Exército Investir?**

A capacidade de sobrevivência não pode ser unicamente sobre a blindagem passiva. O Exército deve continuar com a abordagem holística para a proteção da Força, a qual inclui investimentos em *algumas* tecnologias de guerra centrada em redes. Contudo, como

o Exército considera onde investir dólares escassos, deve ser cauteloso em confiar demais na tecnologia centrada em redes como a fonte principal de proteção da Força. Essa tecnologia pode funcionar em alguns cenários, mas as capacidades são relativamente fáceis para o inimigo contornar e são limitadas pelas

---

### ***Remover o nevoeiro de guerra por tecnologia centrada em redes não é possível.***

características das futuras batalhas (combate aproximado, ambiente urbano, interação com a população).

Além do mais, a tecnologia centrada em redes é uma solução material para o tipo de guerra que será caracterizado por interação humana e adaptabilidade. Remover o nevoeiro da guerra por tecnologia centrada em redes não é possível. Sempre haverá uma incerteza e um correspondente pedido para sobreviver a um inesperado primeiro contato.

Enfim, a tecnologia centrada em redes não antevê um campo de batalha caracterizado por interação aproximada com o povo e o inimigo — o mesmo tipo de interação que é quase aceita universalmente como a norma da guerra futura. Por causa dessas limitações, o Exército não deve apostar na tecnologia centrada em redes para ser o principal meio de proteção da Força.

O Exército deve evitar ou parar de investir em programas que forneçam menos proteção da Força do que a estrutura da Força atual. Como o Exército entra em uma era em que os orçamentos diminuirão, qualquer Força futura acrescida à da Força mista atual deve proporcionar uma bem acentuada capacidade de sobrevivência. Em um ambiente de orçamentos limitados, o Exército não pode arcar com o investimento em programas que não fornecem a capacidade bem além daquela que já existe na estrutura da

Força. Se um investimento total apenas resulta em uma capacidade semelhante, o Exército estaria em uma melhor situação se gastasse seu dinheiro em tecnologias comprovadas, que ele possa usar agora, do que tecnologias não provadas que proporcionariam capacidades semelhantes em algum tempo no futuro. O Exército deve se perguntar: qual é o nicho da Força mesclada da atualidade em que o novo sistema vai ser preenchido de modo mais eficaz do que o existente hoje no Exército? A capacidade que a nova Força proporciona é suficientemente diferente para justificar o custo? Se a nova Força não fornecer uma capacidade única acima da Força mesclada atual, não se justifica mais investimento.

Os investimentos no desenvolvimento do capital humano e nos pacotes de blindagem melhorada têm mais probabilidade de fornecer um retorno mais alto na proteção da Força e na capacidade operacional no ambiente de operações contemporâneo do que os investimentos nas tecnologias de guerra centrada em redes. O entendimento de que há retornos decrescentes com que as tecnologias centradas em redes contribuem para a capacidade operacional deve orientar os



Exército dos EUA, Sgt. Alexander Snyder

*Capacetes e coletes à prova de balas, pertencentes a soldados do Batalhão de Apoio da 100ª Brigada de Forte Sill, em Oklahoma, são alinhados antes da partida do terminal de passageiros na base combinada Balad, no Iraque, em preparação do voo da unidade para o Afeganistão, em 29 de março de 2009. O batalhão foi reposicionado do Iraque para o Afeganistão em 28 de março para prover apoio logístico às forças da coalizão no local.*

investimentos futuros. Simplesmente porque uma tecnologia centrada em redes acrescenta *algum* melhoramento na capacidade operacional, isso não significa que resulte em um maior aumento da capacidade operacional.

Um Exército qualificado para a campanha deve ser capaz de sustentar operações de combate terrestre por um período indefinido.<sup>8</sup> Contudo, quanto mais tempo o Exército executar uma campanha, mais o inimigo terá a oportunidade de se adaptar e contornar a vantagem tecnológica planejada para contribuir para a proteção da Força. A blindagem passiva e a confiança do líder serão as melhores formas de proteção quando o inimigo inevitavelmente descobrir uma maneira de penetrar a ilusória proteção tecnológica. O investimento no capital humano deve incluir a expansão do adestramento de desenvolvimento de líderes, a retenção dos soldados e líderes de qualidade mais alta e a administração de pessoal de modo mais eficaz, para assegurar que o Exército tenha uma “mentalidade expedicionária” capaz de se adaptar a qualquer situação. O investimento na blindagem melhorada pode incluir extensa pesquisa de materiais e projetos de viaturas que permitam ao Exército instalar pacotes de blindagem progressiva, adaptados à ameaça local e à avaliação do comandante. Para possuir um Exército qualificado em campanha, que proporcione a presença terrestre sustentada em um ambiente complexo com um inimigo adaptável, esses investimentos devem ter prioridade sobre a capacidade de desenvolvimento rápido.

## O Caminho À Frente

À medida que o Exército continuar a desenvolver forças para todo o espectro de operações, não deve sucumbir à tentação de buscar a capacidade de reação rápida à custa da proteção da Força e da capacidade de sobrevivência. Com um ambiente de conflito constante e orçamentos decrescentes, o Exército pode se encontrar induzido a buscar a “bala prateada” da tecnologia centrada em redes, para apagar o nevoeiro da guerra e proteger os soldados pelo conhecimento perfeito da situação. Contudo, nada da experiência de guerra atual ou histórica do Exército indica um campo de batalha onde tal domínio da informação é possível. Nas missões complexas, confusas e muitas vezes caóticas do futuro, o inimigo contornará ou evitará as tecnologias da guerra centradas em redes. Quando isso ocorrer, tudo que permanecerá para proteger um soldado será a proteção da blindagem passiva de sua viatura e sua capacidade de combater. Se sacrificarmos a proteção passiva em nome da reação rápida, limitaremos nossas unidades no aspecto mais difícil de sua missão — aproximar-se e destruir um inimigo que se esconde entre a população local. Aprendemos essa lição nos campos de batalha no Iraque e no Afeganistão. O Exército não se pode dar ao luxo de ignorá-la. Fazer isso significaria ter soldados demais retornando em sacos mortuários no início da próxima guerra porque o Exército dependeria demais das tecnologias centradas em redes para protegê-los. Está na hora de o Exército colocar a capacidade de sobrevivência em seu devido lugar. **MR**

---

## REFERÊNCIAS

1. U.S. Army Field Manual (FM) 3-0, *Operations* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], February 2008).

2. “A capacidade expedicionária é a capacidade de desdobrar prontamente as forças de armas combinadas no mundo inteiro em qualquer ambiente operacional e operar eficazmente ao chegar.” FM 3-0, paras. 1-71, 1-16.

3. *Ibid.*

4. Um dos membros do grupo de pesquisa, o coronel Jeffrey D. Peterson, comandou uma força-tarefa equipada com Strykers em Bagdá, de julho de 2006 a setembro de 2007. Ele tem experiência pessoal com a proteção blindada adicional da viatura Stryker e o uso do veículo em todo o espectro de operações.

5. Uma história parecida pode ser contada sobre a viatura leve HMMWV. Por exemplo, o 2º Regimento de Cavalaria foi desdobrado rapidamente no Iraque e equipado com uma versão mais antiga da HMMWV, que não proporcionava proteção contra fogos de metralhadora. À medida em que a unidade operava em Cidade Sadr, começou-se rapidamente a aumentar chapas de aço no chassi e nas portas da viatura para prover mais proteção contra a ameaça emergente de dispositivos de explosivos improvisados. Esses eram os primeiros passos no adicionamento de pacotes de blindagem às HMMWVs no Iraque. A busca continuada

de proteção blindada passiva resultou eventualmente em uma viatura resistente a minas e protegida contra emboscadas. Mais uma vez, a importância da proteção blindada passiva emergiu como um fator essencial nas operações de combate.

6. Exemplos históricos dessa discussão são proporcionados no artigo de BOSTON, Scott, “Toward a Protected Future Force,” *Parameters*, winter, 2004-2005, p. 63.

7. Há uma convicção popular de que os Estados Unidos são adversos às baixas. O exemplo mais frequentemente citado sobre a baixa tolerância do público para baixas foi a Batalha de Mogadíscio, durante a qual 18 baixas americanas precipitaram a retirada das forças de combate da Somália. Contudo, uma análise histórica e dados de pesquisa não sustentam a conclusão da aversão de baixas nos Estados Unidos. Para um exame detalhado sobre esse assunto, consulte LACQUEMENT, Richard, “The Casualty-Aversion Myth,” *Naval War College Review* (Winter, 2004).

8. “A capacidade de campanha... é a capacidade de executar operações sustentadas por tanto tempo quanto necessário, adaptando-se a mudanças imprevisíveis e muitas vezes profundas no ambiente operacional à medida em que a campanha se desenrola.” FM 3-0, paras. 1-74, 1-16.